

# O Império se fortalece

## Nesta aula

**A** luta contra o autoritarismo de D. Pedro I não havia sido fácil. Foram praticamente nove anos de conflitos entre o imperador e as elites brasileiras. Para essas elites, após a vitória sobre o imperador, cabia consolidar seu predomínio no Estado brasileiro. Mas será que essas elites, das diversas regiões brasileiras, conseguiam chegar a um acordo?

***Como conciliar seus diferentes interesses em um único Estado do Brasil?***

Nesta aula vamos procurar responder a esta questão.

## Tempo de moderação

O caminho estava aberto para os grupos que depuseram o imperador. Era o momento de ocupar espaços e definir as principais medidas. Novamente, não havia consenso entre eles. Para alguns, como Evaristo da Veiga, era hora da moderação, da prudência, da ordem. Veiga era um dos líderes entre os chamados ***liberais moderados***, grupo bastante próximo dos grandes proprietários de terras e de escravos do Rio de Janeiro. Para eles, o fundamental era assegurar a continuidade da economia agroexportadora baseada no regime escravista. Como a Constituição de 1824 garantia seus interesses, o fundamental era preservá-la em um clima de tranqüilidade política, sem rupturas, em paz.

***Na expansão da  
lavoura de café, a  
base do trabalho  
era escrava.  
Para os liberais  
moderados, era  
importante manter  
o regime escravista.***



Já para outro grupo político, a Constituição era antidemocrática. Mudanças se mostravam necessárias. Defendia, em geral, uma monarquia baseada no federalismo, isto é, numa nova ordem política fundada na descentralização do poder e na ampliação da autonomia das províncias. Seus membros eram identificados como **liberais exaltados**. Reuniam os diversos interesses provinciais descontentes com a política da Corte e os antigos democratas na cidade do Rio de Janeiro. Alguns deles chegaram, até mesmo, a defender o fim da monarquia e a instauração de um governo republicano.

Finalmente, havia outro grupo que defendia o retorno do imperador D. Pedro I. Era o grupo dos **restauradores**.

Quem dominou o poder nos primeiros anos da **Regência** – período entre a renúncia de D. Pedro I, em 1831, e a posse de D. Pedro II, em 1840 – foram os moderados. Mas esses anos não foram tranquilos. Logo após a abdicação de D. Pedro I, tropas do exército se rebelavam contra o governo e, com apoio dos democratas, exigiam a punição e a deportação (expulsão do país) dos indivíduos ligados à antiga ordem. Ao mesmo tempo, tropas mercenárias, ligadas aos restauradores, faziam movimentos pela volta do imperador.

O governo moderado respondeu a essas ameaças reduzindo rapidamente o contingente do exército, de 30 mil, antes de 1831, para apenas 10 mil em agosto do mesmo ano. Ao mesmo tempo, criou uma força militar paralela – a **Guarda Nacional** –, que passou a ser controlada principalmente pelos grandes proprietários de terra em suas localidades. Assim, os antigos grupos democratas ficavam separados dos exaltados, que se ligavam aos interesses das províncias.

Percebendo que a crise política não seria resolvida sem um acordo entre os diversos grupos políticos em conflito, os moderados, ainda no poder em 1834, resolveram promover um acordo.

A Constituição de 1824 foi modificada e as províncias obtiveram um pouco de autonomia. Essa medida agradou aos exaltados. O Senado e o Poder Moderador foram mantidos, atendendo aos interesses dos restauradores. Essas e outras medidas faziam parte do **Ato Adicional de 1834** que, em poucas palavras, foi a fórmula que os moderados encontraram, na tentativa de dar tranquilidade política ao país.

## As rebeliões regenciais

Mas “o tiro saiu pela culatra”. A relativa descentralização do poder, concedida pelo Ato Adicional, aumentou as pretensões de autonomia das províncias. Com as elites políticas em conflito, os cidadãos passivos, ou seja, homens livres pobres e os não-cidadãos, os escravos, apareceram também na cena política. Eram as rebeliões regenciais. Vamos ver suas principais características.

### Cabanagem (Grão-Pará, 1835-1840)

Na Amazônia, a luta foi promovida pelos **cabanos** – populações ribeirinhas – contra a repressão desencadeada pelo governador nomeado pelo governo central e, também, contra a manutenção dos privilégios dos portugueses na região. O movimento chegou a tomar a cidade de Belém entre os anos de 1835 e 1836, durando até 1840. As autoridades imperiais, apenas com muita repressão, conseguiram derrotar o movimento que passou a ser conhecido como **Cabanagem**. Os cidadãos passivos assustaram as elites dirigentes imperiais.

## Revolução Farrroupilha (Rio Grande do Sul, 1835-1845)

Já no extremo sul do país, quase ao mesmo tempo em que ocorria a Cabanagem, deu-se um movimento de características bem diferentes daquele ocorrido na Amazônia. Agora, eram os pecuaristas gaúchos que se levantavam contra o governo central. Os motivos da rebelião foram os seguintes: 1) o descontentamento com a política imperial de importação do charque (carne salgada que servia para alimentar especialmente escravos) da Argentina e do Uruguai que, por ser mais barato, concorria com o charque gaúcho (que sofria uma pesada carga de impostos); 2) a falta de autonomia política, uma vez que o governo central impunha o nome do governador da província.

Em 1834, o novo governador nomeado, além de aumentar os impostos, resolveu criar uma força militar ligada diretamente a ele. Assim, no ano seguinte, o movimento armado começou. O governador foi deposto e os revoltosos dominaram toda a província do Rio Grande do Sul. Chegaram a dominar também Santa Catarina e, nessas duas províncias, foram criadas as Repúblicas Rio-Grandense e Juliana.

**Os farrapos criaram até um brasão para sua República Rio-Grandense.**



Era a **Guerra dos Farrapos**. O movimento durou dez anos e o governo central só conseguiu pacificá-lo em 1845. Para isso, o governo imperial utilizou, além da força das armas, a anistia aos revoltosos e a diminuição dos impostos. Assim, para a classe dominante gaúcha, o tratamento foi bastante diferente daquele dado aos cabanos. Em vez de massacre, houve concessões. Para o governo dos moderados, era importante que reinasse a paz entre os diversos grupos dominantes do país.

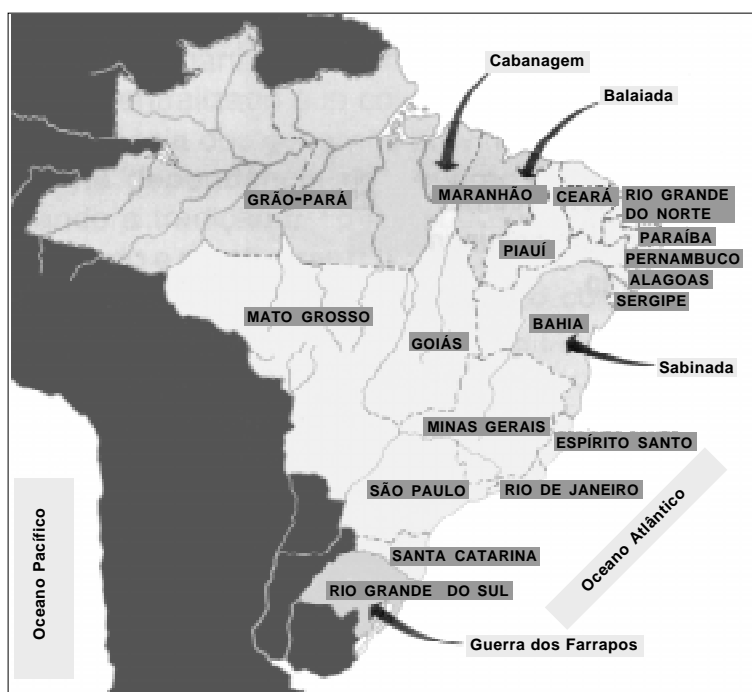
## Sabinada (Bahia, 1837-1838) e Balaiada (Maranhão, 1838-1841)

Além desses movimentos, ocorreram, durante a década de 1830, outros levantes. Foi o caso da **Sabinada**, na Bahia, que exigia mais autonomia provincial, e da **Balaiada**, no Maranhão, onde os cidadãos passivos (vaqueiros e artesãos) rebelaram-se contra o governo local.

## O tempo saquarema

As notícias que chegaram à Corte a respeito das rebeliões nas províncias foram recebidas com apreensão. Para a maioria das elites políticas, a descentralização política havia sido a principal causadora da “desordem”, da “anarquia”. Era dessa forma que as elites se referiam às rebeliões.

Exatamente nesse momento, consolidava-se a expansão da lavoura do café no Rio de Janeiro. Em pouco tempo, o café tornou-se o principal produto de exportação do país e, como resultado, o grupo dos cafeicultores cresceu em importância social e política.



*As revoltas marcaram o período da Regência, entre o primeiro Império e o segundo.*

Essa nova situação, marcada, de um lado, pelo medo das revoltas nas províncias e, de outro, pelo fortalecimento econômico do Império, fez com que recomeçasse a “dança dos políticos”, isto é, os grupos anteriormente denominados moderados, restauradores e exaltados reorganizaram-se em outras bases.

Para grande parte dos políticos, era o momento de combater o que chamavam de “vulcão da anarquia” presente nas rebeliões. Surgia, assim, um novo grupo político, defensor da imediata centralização do poder e do retorno à ordem – eram os **regressistas**.

Seus maiores defensores foram três políticos fluminenses muito ligados aos interesses do café em expansão: Joaquim José Rodrigues Torres, Paulino José Soares de Souza e Eusébio de Queirós. Conhecido como **Trindade Saquarema**, esse grupo controlou por bastante tempo o poder no Brasil imperial.

Aqueles que discordavam dos regressistas e mostravam-se favoráveis à descentralização ficaram conhecidos como **progressistas**. Estes, no entanto, não tiveram condições de barrar o **regresso**. Em 1838, chegava ao poder, como regente, o regressista Pedro de Araújo Lima. Seu governo procurou atuar no combate às rebeliões e também na defesa da ordem e da centralização.

Em maio de 1840, Araújo Lima conseguiu aprovar uma lei que reduzia consideravelmente a autonomia das províncias, obtida com o Ato Adicional. Em julho daquele mesmo ano, D. Pedro II, com 14 anos, assumia o trono brasileiro. Era a **antecipação da maioria** – mecanismo encontrado para restabelecer a centralização do poder, prevista na Constituição de 1824.

Após a antecipação da maioria, ocorreram ainda, ao longo da década de 1840, movimentos contrários ao governo central em Minas Gerais, São Paulo e Pernambuco. No entanto, a tendência desses anos foi, cada vez mais, o fortalecimento da proposta centralizadora defendida pelos regressistas, que passaram a ser chamados de **conservadores**.

Os progressistas, logo denominados de **liberais**, chegaram ao poder algumas vezes nesse período. Continuaram defendendo suas propostas descentralizadoras; mas, quando alcançavam o poder, não conseguiam colocá-las em prática. Tanto é que se dizia na época que não havia “nada mais conservador do que um liberal no poder”.

## Os partidos políticos do 2º Império

Em 1850, o Estado imperial estava consolidado. As revoltas haviam sido sufocadas. Dois partidos políticos revezavam-se no poder: o Liberal e o Conservador.

Os liberais reuniam os interesses provinciais ligados à produção para o mercado interno e um pequeno grupo de jornalistas e profissionais liberais que, na cidade do Rio de Janeiro, sempre haviam defendido uma ampliação da participação política.

Entre os conservadores, estavam os representantes políticos da lavoura do café e a elite do Estado imperial – juízes, magistrados das altas cortes do Poder Judiciário, presidentes de província, ministros de Estado etc.

Os Partidos Liberal e Conservador acomodavam também as rivalidades locais entre as famílias dos poderosos senhores de escravos.

O Poder Moderador – exercido pelo imperador –, ao formar os ministérios, decidia, de fato, pelo revezamento dos partidos no poder.

Em 1868, o senador Nabuco de Araújo resumia a vida política no Império da seguinte maneira:

*“O Poder Moderador pode chamar a quem quiser para organizar ministérios; essa pessoa faz a eleição porque há de fazê-la; esta eleição faz a maioria (na Câmara). Eis o sistema representativo do nosso país”.*

Portanto, era de fato o imperador D. Pedro II, e não o voto popular, que agia como árbitro (juiz) dos projetos políticos concorrentes.

De maneira geral, foi o Partido Conservador que deu o tom da política imperial. Os interesses cafeeiros do Sudeste (especialmente do Rio de Janeiro) tenderam, portanto, a predominar. Mas o Partido Conservador era bem mais que uma representação direta desses interesses.



### O tempo não pára

O Império do Brasil definiu-se nas décadas de 1830 e 1840. Foi vencedor o projeto que defendia a monarquia centralizada, que limitava a participação popular e garantia a lavoura escravista.

Um dos primeiros problemas que o Império consolidado teve de enfrentar foi a questão do tráfico de escravos. O **direito de propriedade** ainda justificava a escravidão, porém, o ato de escravizar tornava-se moralmente insustentável.

O século XIX não foi um tempo apenas de independências. Foi um tempo de abolições.

## Relendo o texto

## Exercícios

Leia mais uma vez o texto da aula, sublinhe as palavras que não entendeu e procure ver o que elas significam, no dicionário ou no vocabulário da Unidade.

1. Releia **Tempo de moderação** e compare os projetos dos liberais moderados, dos liberais exaltados e dos restauradores.
2. Releia **As rebeliões regenciais** e complete o quadro.

REBELIÃO	LOCALIZAÇÃO	CAUSAS	CARACTERÍSTICAS
CABANAGEM			
FARRAPOS			
SABINADA			
BALAIADA			

3. Releia **O tempo saquarema** e compare os projetos dos regressistas e dos progressistas.
4. Dê um novo título a esta aula.

## Fazendo a História

*“Fui liberal: então a liberdade era nova no país, estava nas aspirações de todos (...) Hoje, porém, é diverso o aspecto da sociedade: os princípios democráticos tudo ganharam, e muito comprometeram; a sociedade que então corria risco pelo poder, corre risco pela desorganização e pela anarquia. Como então quis, quero hoje servi-la, quero salvá-la; por isso sou regressista.”*  
Trecho de discurso do deputado Bernardo Vieira de Vasconcelos, 1838.

O documento acima é um discurso feito na Câmara dos Deputados por um importante líder regressista. Leia novamente **O tempo saquarema** e **Os partidos políticos do 2º Império** e responda:

1. Quem eram os regressistas?
2. A quem Bernardo de Vasconcelos denomina de “sociedade”?
3. Quem promovia a anarquia, para o deputado?
4. Qual era o risco que a “sociedade” corria?
5. Qual foi o resultado do **regresso**?

